

JUSTIÇA E NÃO-VIOLÊNCIA

Serviço Nacional Justiça e Não-Violência - SERPAJ BRASIL - SDS - Ed. Venâncio V. - S313 - Brasília - DF 70.200 - Tel. (031) 225-9738

Ano VIII - Boletim Nº 98 - 1989 - Editado pelo setor de divulgação do SERPAJ - Brasil



Ecologia



Chico Mendes
19/12/88

"A floresta nos une diante do perigo comum, nos faz mais fraternos. É por isso que meu trabalho em defesa da Amazônia não pode parar."

Uma preocupação Nacional e Internacional

Linhas de apoio do
SERPAJ - Brasil

Devido à importância do tema dos conflitos de terra, nós fizemos uma entrevista com Ana Odália Vieira Sena, do Serpaj-Brasil em julho. Esperamos que possam ter uma compreensão melhor do trabalho do Serpaj-Brasil sobre este tema.

Q: Quais são os principais aspectos do trabalho do Serpaj-Brasil?

A: Nossos principais focos no momento são a reforma agrária, isto é, a redistribuição de terra no Brasil. Além disso cooperamos com professores e "grupos de paz" (Grupos engajados na educação pela paz). Numa base de âmbito nacional, comunicamos-nos com diversos grupos que atuam em vários temas e providenciamos visitas entre os grupos do Brasil e com outros países latino americanos. Estas atividades são planejadas tanto para os grupos do Serpaj como para outros grupos da Não-Violência. Ultimamente coordenamos o trabalho destes grupos realizando seminários, e encorajando-os para a resistência ativa não-violenta.

Q: Como está sendo efetuada a distribuição de terra? Existem alguns exemplos referentes à resistência por parte da população rural?

A: A injusta distribuição de terra é um problema muito antigo. De um lado estão os grandes latifundiários, que possuem a maior parte da terra, e do outro lado estão muitos trabalhadores sem terra, que são afastados da terra de seus pais pelos latifundiários. Entre os advogados que cuidam dos assuntos legais (fazendo registros apropriados, semelhantes com os dos escritórios de registros de terra), militares e pistoleiros particulares, que expulsam os agricultores. Os trabalhadores sem terra não têm empregos e nem podem desfrutar de condições de vida adequadas.

Q: Como estes agricultores sem terra se organizam?

A: Eles fazem reuniões, cooperam com associações, a CPT e o movimento sem terra. Discutem seus problemas procurando aumentar a consciência da população geral, e fazem ocupações de terra. O medo é uma constante em suas vidas. Pois os pistoleiros realmente matam. Mas os agricultores precisam de um lugar para viver, e não há alternativas para estas ocupações de terra exceto a migração dos trabalhadores sem terra para São Paulo, ou outras grandes cidades. E em muitos casos, eles não encontram emprego nem moradia.

Q: Como são planejadas as ocupações de terra?

Entrevista dada por Ana Odália Vieira Sena, do SERPAJ-BRASIL, para a revista SERPAJ/EUROPA, 89/1, em sua última viagem à Europa em julho de 89



A: Os grupos fazem detalhados planos estratégicos, determinando que dia iniciará a ocupação, e escolhem assim as primeiras famílias ocupantes, aquelas que estão suficientemente fortes para se estabelecer e suportar a repressão inicial. Quando estas famílias estão assentadas, outras seguem. Tudo é levado em conta. Somos muito cuidadosos, porque realmente existem alguns informantes que poderiam revelar nossos planos para os latifundiários. Foi o que aconteceu uma vez, os militares estavam nos esperando quando chegamos no lugar da ocupação.

Q: Estes grupos têm alguma relação com os grupos de base da Não-Violência? E eles introduzem em suas ações, possíveis respostas para enfrentar as forças militares ou policiais?

A: Os grupos conhecem numerosas possibilidades de resistência não-violenta. Os membros destes grupos, são treinados comunicando-se uns com os outros e sabem o que cada um espera do outro em termos de comportamento. O primeiro objetivo é evitar a repressão de diversas formas. A presença das mulheres e crianças representa um importante papel na realização disso, assim elas, provavelmente, são mais ouvidas que os homens.

Q: Quais são os efeitos da dívida externa sobre a população?

A: Estamos realmente tratando deste problema já há algum tempo, e muitas pessoas estão interessadas em discussões contínuas. Isto, de qualquer maneira, não implica que todos estão a par dos efeitos da dívida externa. É bem conhecido que, o problema da dívida é responsável pela atual recessão econômica, cujos custos pesam sobre o povo. Os meios de comunicação de massa estão cheios de números científicos e abstratos. Números que isoladamente, sem uma explicação prática, não são suficientes para descrever a situação real para o povo. Porém, todos estão bem atentos por esses problemas sociais. Quando o atual governo, sob a responsabilidade de José Sarney, aparece no poder - "Passo em direção à democracia" - são muitas promessas com relação ao não-pagamento da di-

vida externa. Por um momento, uma moratória foi prometida para possibilitar a recuperação da economia interna e a elevação do padrão de vida para as pessoas. Isto é o que aconteceu: O governo apareceu com um plano que a princípio, pareceu uma promessa, um melhoramento para as condições de vida. Ano passado sua solução era que nenhum deles poderia pagar a dívida externa nem lutar contra a fome no Brasil. Eles solicitaram a seus credores uma moratória de apenas três meses. De qualquer forma, a situação das pessoas não foi melhorada e o governo é contra a tentativa de indenizar a dívida externa. Três ministros foram demitidos, mas os salários foram congelados. A situação geral tem sido insustentável nos últimos anos.

Q: Qual é a posição do SERPAJ no problema da dívida?

A: Adquirimos nossa posição atual sobre o problema da dívida depois de muitas discussões. Assim como vimos, a dívida não será indenizada. O dinheiro poderia ser usado para melhorar a situação da população. As pessoas necessitam do básico, como educação e saúde, que deviam ser supridos primeiro. A dívida não deverá ser paga às custas do povo.

(Traduzido por
Silvia Gonçalves)

Encontro de formação e treinamento



Os regionais Nordeste I, Nordeste II e Nordeste III, encontraram-se de 15 a 18 de dezembro, em Recife, para discutir e aprofundar a não-violência ativa.

Foi um encontro muito proveitoso, onde 22 companheiros e companheiras, puderam juntos aprofundar temas como: A Não-Violência na Bíblia; Análise de Conjuntura; Estratégias não-violentas para resolução de conflitos; A Não-Violência na Luta do Nordeste e a Articulação dos Regionais Nordeste de

Justiça e Não-Violência. A companheira Creusa Rosa Mamede, coordenadora do Serpaj A.L., e o companheiro Salvador Pires, secretário geral da P.N.T. e membro do conselho representativo do Serpaj/Brasil, foram dois dos assessores do encontro.

Pelo conselho nacional do Serpaj/Brasil, participaram Altamir Labea, Mariana Bezerra Soares e Maria Anália da Silva.

Altamir Labea

A não-violência ativa supõe um treino político permanente: uma análise constante da situação política, econômica e repressiva para descobrir a réplica adequada.

Piquete — Morte e ressurreição de um povo

Piquete é uma pequena cidade, encrustada na Serra da Mantiqueira, no Vale do Paraíba - SP, aparentemente uma cidade pacata, com um povo simples, de raízes bem interioranas. Porém, por detrás dessa aparência de tranquilidade reina o medo, a insegurança, o desespero e a revolta. A maior parte dos habitantes da Piquete depondo, quase que exclusivamente, da fábrica de explosivos IMBEL (Indústria Militar Belic, ligada ao Ministério do Exército).

São mais de 70 anos de história, marcados por tantas explosões que ceifaram a vida de uma centena de trabalhadores, deixando um rastro de sangue, sofrimento e miséria. Ainda hoje, trabalhadores dependem de tranquilizantes para dormir, devido ao drama de ter carregado os restos de seus companheiros mortos; outros trazem no próprio corpo as queimaduras das explosões; e o pior são as viúvas que carregam, agora, sozinhas, o peso de sustentar a família com um salário de miséria (de morte): em outubro, uma viúva recebia pensão Cr\$ 3.500,00 antigos. Piquete é conhecida como "a cidade das viúvas".

Por tudo isso, o medo ronda o coração de cada pessoa, de cada família, de toda a cidade. A insegurança é grande: de manhã, ao sair de casa para o trabalho, ninguém sabe se, à tarde, voltará com vida. As condições de segurança da fábrica, conforme depoimentos de operários, são precárias. Começa-se a entender, então, por que Piquete é uma das cidades que mais consomem álcool por habitante no Brasil.

Tudo somado, a revolta foi tomando conta do coração do povo, quando este começou a se ver privado daquilo que é essencial para a vida humana: o alimento. O salário recebido por eles, até então, era irrisório. Muitos recebiam abaixo do piso nacional de salários. No tempo da escravidão até que era melhor: havia alimentação suficiente para todos. Hoje, nem dá para matar a fome.

Então, a revolta explodiu. Nestes meses passados houve várias tentativas de incêndio na fábrica, movidas pelo desespero e pela revolta. Graças a Deus, nenhum incidente sério ocorreu.

Porém, por maior que seja a opressão imposta sobre um povo, nunca se consegue matar, por completo, a ESPERANÇA, a força da VIDA, e assim, do meio das trevas do medo, surgiu uma LUZ para Piquete também.

Um grupo de operários sentiu que era hora de mudar e decidiu dizer NÃO a toda essa injustiça. Parou um grupo, seguido de outro, e mais outro e outro ain-



da. Algo novo estava começando a surgir, sem que o povo tivesse plena consciência disso. Se, até então, cada trabalhador vivia o seu drama, tendo apenas uma consciência individual do seu problema, a partir de agora, cada um percebe que o drama que o envolve é também o drama do seu companheiro e de todos. Uma nova consciência — coletiva, de classe — é então despertada. Portanto, se o sofrimento é de todos, todos precisam se unir para acabar com a injustiça que está na raiz do sofrimento do povo.

Mas, como? Durante mais de 70 anos o povo não teve voz, nem vez. Até antes da nova Constituição, os trabalhadores não podiam se organizar em sindicato. Eles viviam sob o regime do medo. Não havia alternativa, o jeito era sofrer.

Foi então que o Sindicato dos Químicos foi convocado pelos trabalhadores para que se pudesse orientar bem a luta. Fizemos uma grande assembleia onde se discutiu a pauta de reivindicações dos trabalhadores. Desencadeou-se o processo de sindicalização dos operários. Foi dado um tempo — dez dias — para que a direção da IMBEL estudasse e desse uma resposta às reivindicações. Resultado: não deram valor ao pedido dos operários; acharam que eles seriam incapazes de entrar em greve; não acreditaram na força do povo.

No dia 12 de novembro de 1988 houve uma nova assembleia, e diante da indiferença da IMBEL, a decisão foi tomada pela maioria dos operários presentes: estava declarada a GREVE. Cerca de 1.600 operários cruzaram os braços, forçando a empresa a negociar. Seriam 29 dias de muita insegurança — afinal, era a primeira greve — dias de muito medo, e muita pressão por parte dos chefes

que ameaçavam a cada dia com demissões ou promessavam promoções. Tentaram, de toda maneira, dividir o povo, romper o movimento de greve.

Ao mesmo tempo, viveu-se, também, uma experiência de muita união, solidariedade e partilha. As comunidades se uniram para arrecadar mantimento para as famílias mais sofridas, que foram cadastradas. Foram feitos "vaquinhas" — coletas — para pagar contas atrasadas. As esposas e mães dos operários se organizaram e todos os dias se reuniam para discutir seus problemas. As crianças participaram das assembleias e passeatas. As igrejas cristãs deram total apoio: em todas as assembleias estavam presentes um pastor evangélico, uma pastora metodista e pastores católicos.

Desde o início da greve fez-se um pacto de NÃO-VIOLENCIA. Seria abolido, do movimento, todo e qualquer tipo de violência contra companheiros que não aderiram à greve — foram poucos — ou contra o pessoal da empresa. Devido a isso, o exército que havia sido colocado em estado de alerta na fábrica, depois de alguns dias teve que voltar para o quartel; a Polícia Militar se limitou apenas a colocar alguns homens para orientar o tráfico nas passeatas pacíficas organizadas.

Todo dia acontecia uma assembleia e, em seguida, saía-se em passeata pelas ruas da cidade. Era emocionante ver o povo sair às ruas para aplaudir os operários, e as vozes, nas janelas, chorando de emoção.

Houve muita oração pela greve, vigílias, jejuns, sacrifícios. A consciência que tomou conta de todos foi que Deus

estava lutando junto com eles, porque o nosso Deus é o Deus da VIDA, o Deus que faz JUSTIÇA para os pobres da terra, o Deus que quer LIBERDADE para seu povo. A fé do povo pobre foi mais forte que as armas da morte daqueles que detêm o poder nas mãos.

A justiça foi feita. Levada a julgamento, no dia 23/11/88, uma comissão de 10 juizes, em Campinas-SP, julgou a greve e, todos eles, sem titubear, deram ganho de causa para os operários. Um grupo de uns 60 operários acompanharam o julgamento. A greve foi considerada legal: os operários teriam direito aos dias parados, e a partir do dia 1º de dezembro — data-base do dissídio coletivo da categoria dos químicos — os trabalhadores da IMBEL passariam a ter igualdade de direitos. Em termos salariais, significa que um trabalhador que, até então, recebia Cr\$ 25.000,00 antigos, passaria a receber na faixa de Cr\$ 120.000,00.

Finalmente, o jugo da opressão que pesava nas costas do povo, havia sido retirado. O povo de Piquete, como no antigo testamento, havia rompido as amarras da escravidão do Egito e agora poderia caminhar para uma NOVA TERRA. Uma nova história começava a ser escrita.

No dia 29 de novembro este dia vai ficar gravado, para sempre, no coração do povo de Piquete. Foi o dia da LIBERTAÇÃO.

A comissão, que esteve em Campinas participando do julgamento, ao chegar em Piquete, encontrou a cidade explodindo em festa. O povo todo se reuniu para ouvir a decisão do tribunal, e saiu pelas ruas para comemorar. A festa tomou conta de todos: famílias se abraçando, todos dando as mãos cantando e dançando, as crianças em cirandas, brincando e cantando na frente da passeata. Era a festa do povo, o povo dos pobres, um povo novo, um POVO LIVRE.

Um dia, na vida de Jesus, disseram: "pode vir alguma coisa boa de Nazaré?", daqui se dizia: "pode vir alguma coisa boa de Piquete?". De agora em diante, Piquete é um símbolo de resistência pacífica, de luta pela justiça. Piquete é semente de um novo Brasil.

Por mais opressor e violento que seja um sistema, ele nunca vai conseguir matar a força da VIDA, o desejo de LIBERDADE que está no coração do povo.

Pe. Carlos Alberto Vieira Coelho — acompanhou durante os anos de 88 e 89 a comunidade do Oratório Domingos Sávio em Piquete. Trabalha na comunidade salesiana do Colégio São Joaquim em Lorena - SP.

Justiça e Não-Violência/Manaus protesta por Luiz Otávio

No dia 20/01/89 o núcleo justiça e não-violência de Manaus distribuiu uma nota à população e a imprensa, protestando contra a onda de violência em Manaus e, particularmente, sobre o assassinato do jornalista Luiz Otávio, exigindo apuração das fatos e a punição para os culpados. Segue a nota:

Ao povo Amazense! Companheiros(as): O Brasil — todos nós sabemos — é o "País das Maravilhas". Uma questão de corrupção e de governo é uma beleza, ninguém é punido. O terror (isso nem se fala) começa no meio das próprias polícias, que legalmente são constituídas para proteger o povo.

Aqui, a impunidade campeia e no dia-a-dia a população sofre, sem ter a quem recorrer. Aqui, nem as verdadeiras representações

do povo tem a segurança, a prova está aí. Assassinam deputados, vereadores, sindicalistas, religiosos e tantos outros que lutam pela liberdade. A lista "dele" é grande e, para fazer parte dela, basta se declarar defensor da verdade e dos humildes.

Aqui, quem trabalha em defesa do pão ou da liberdade é morto. Assim mataram Chico Mendes no Acre e o jornalista Luiz Otávio, aqui entre nós. Onde está a liberdade da imprensa?

Aqui, a vida deixou de ser um bem inalienável e do respeito, para se tornar objeto a prazer daqueles que se deleitam com o sofrimento alheio. Não é só que querem dispor a qualquer tempo e, às vezes, por puro ta-

lado, da vida dos indefesos para demonstrar supremacia de força e de poder.

Aqui, a vida para os assassinos, é menos importante do que um objeto de apanha e, por isso, não a respeitam. Aqui, a dignidade pela pessoa humana deixou de ser regra para se tornar exceção.

Aqui, neste "maravilhoso" país, não se adota a pena de morte como punição (art. 6º XLVII a/CF), mas se cultiva a morte com o prazer. É aqueles que têm do dela (morte), fomentam-na, cultivam-na e, de vez em quando, ela culita e provoca a desgraça do povo brasileiro. Chico Mendes e Luiz Otávio, ao contrário, não darão prazer aos entregadores da Pátria, mas serão transformados

em duas grandes bandeiras de luta que triunfarão vitoriosas sobre todos os assassinos do povo, fazendo justiça e trazendo a paz de volta ao nosso meio.

Companheiros e companheiras, não podemos mais aceitar e continuar desse jeito, temos que dar um basta em tudo isso e resgatar nossa dignidade e soberania e, neste sentido, o Serviço Nacional Justiça e Não-Violência, núcleo de Manaus, vem solidarizar-se com os jornalistas amazonenses na luta pela descoberta e punição de todos os responsáveis pela morte de Luiz Otávio, ao mesmo tempo em que exige das autoridades competentes, o compromisso público de apurar os fatos e punir exemplarmente todos os culpados.

Experiências de luta não-violenta: o intercâmbio de nossas ações é primordial para nossa organização. Utilize nosso boletim!

D. José Maria Pires — intervenção realizada na Conferência Mundial das Religiões pela Paz em Austrália

Um tom que lembra as Lamentações do Profeta Jeremias, cantam desoladas as populações ribeirinhas do Nordeste brasileiro vítimas da poluição que envenena as águas: "Mataram o rio, mataram o peixe e o pescador, mais uma vez crucificaram nosso Senhor". Em linguagem mais impregnada de esperança, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil escolhe a ecologia como tema de uma de suas Campanhas da Fraternidade (1979) e divulga por todo o país o slogan: "Preserve o que é de todos".

Para manter o equilíbrio ecológico e defender o meio ambiente, as religiões devem conjugar seus esforços e unir-se a todas as demais forças que defendem a natureza. Pois toda religião reconhece a existência de um Ser Supremo, autor da natureza, toda religião proclama que a criação existe para o bem da humanidade e não para proveito de uma poucos; toda religião oferece em sacrifício frutos da terra e do trabalho humano em louvor à Divindade e em sinal de submissão ao Criador. Por outra parte, "a glória de Deus e o homem pleno de vida". Para dar glória a Deus é, pois, necessário preservar o que é de todos. Defender a integridade da natureza e seu uso racional em favor das necessidades da pessoa humana torna-se um dever religioso, o cumprimento de uma missão que nos foi atribuída quando o Senhor confiou ao homem a guarda da criação para que ele a desenvolvesse e se fizesse, desse modo, co-criador.

São, todavia, numerosos os atentados que se cometem contra a natureza. Frente a esses crimes, o homem religioso deve tomar-se de indignação profética e procurar agir no sentido de combater o mal e defender a natureza como um templo universal do Todo-Poderoso. Como o Profeta Elias, ele deve clamar: "eu me consumo de ardente zelo pelo Senhor dos Exércitos, porque os filhos de Israel abandonaram tua aliança, derrubaram teus altares e mataram teus profetas" (1 Reis 18,10).

Os crimes contra a ecologia devem ser objeto de condenação especial por parte das religiões. Todos esses crimes devem ser denunciados e para todos se deve pedir a devida punição. Queremos destacar os dois seguintes:

1) a destruição das florestas — a cada minuto se destroem 40 hectares ou 920 km² por dia na Amazônia: a maior floresta tropical ainda existente no mundo. Com isso deixam de existir muitas árvores frutíferas ou produtoras de resinas medicinais, desaparece um sem número de espécies animais e de insetos necessários para a manutenção do equilíbrio ecológico. Desmatamento sempre existiu feito pelo índio e pelo seringueiro mas num ritmo razoável e dentro das necessidades de sobrevivência. Hoje ele é feito de modo indiscriminado pelas madeireiras, pelos grandes criadores de gado e pelos que exploram o carvão vegetal para fins industriais de obtenção de ferro-gusa.

Este crime torna-se mais grave porque são os próprios governos e entidades governamentais que instrumentalizam os assassinos da natureza. Na América do Sul e, mais especificamente no Brasil, são os governos que incentivam os

projetos de gado de corte, da monocultura da cana-de-açúcar, das grandes barragens, das hidrelétricas e outros. O dinheiro para os projetos devastadores é fornecido pelos países desenvolvidos através do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento. A política desses governos não é produzir para o homem mas para o insaciável dragão da Dívida Externa. Nesse mesmo contexto incluem-se os crimes da poluição das águas deterioradas pelos detritos industriais e a poluição do ar pela fumaça envenenada que exala das chaminés das fábricas.

2) a espiral da violência — o maior atentado contra a ecologia e, ao mesmo tempo, a maior violência é o fato cocardoso de 2/3 da humanidade passarem fome. Esta violência não é fruto de carência da natureza. Ela procede de má organização da sociedade. É uma violência institucionalizada, geradora de milhões de famintos, do sem teto, do sem-terra. O Papa João Paulo II refere-se aos "mecanismos que, por encontrarem-se impregnados não de autêntico humanismo mas de materialismo, produzem em nível internacional ricos cada vez mais ricos à custa de pobres cada vez mais pobres" (Discurso inaugural de III CRIAM 3.4).

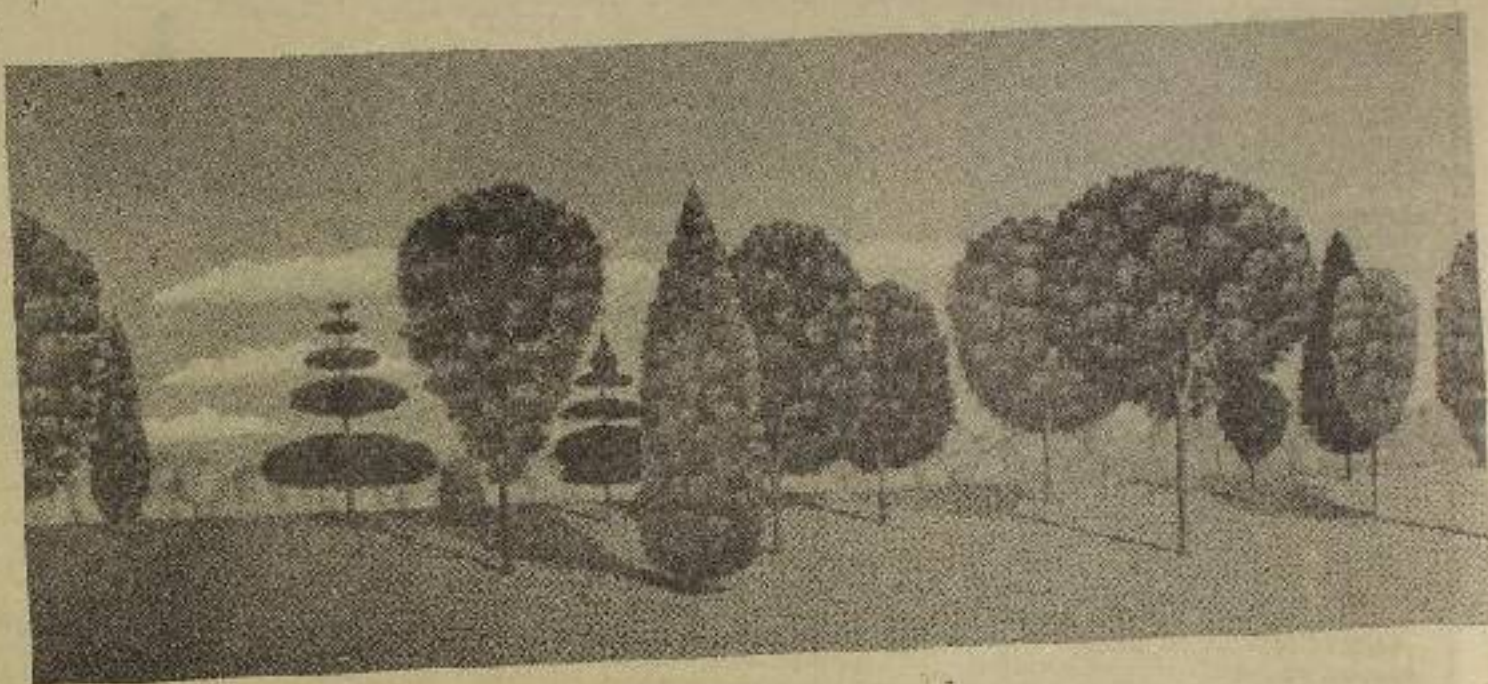
A violência da fome é financiada pelos investimentos do mundo desenvolvido. É com a poupança do cidadão comum da Europa, dos Estados Unidos e do Canadá que os bancos correm as despesas dos macroproyectos que possibilitam grandes lucros. Os grandes financiamentos não se destinam ao combate à fome, à enfermidade, ao analfabetismo e ao subdesenvolvimento. É porque as populações indígenas são um obstáculo às ambições insaciáveis desses investidores, pratica-se, com a conivência e a cumplicidade dos governos, um verdadeiro genocídio mesmo quando ele é encoberto com o disfarce da chamada integração do índio à civilização, a integração tem sido, entre nós, a destruição da cultura, da religião, da língua, da

identidade do índio — é a sua marginalização social.

Outro obstáculo à realização dos objetivos gananciosos dos que se enriquecem destruindo a natureza é a organização do povo. A corrupção cada vez mais difundida e corruptelada de que "povo unido e organizado jamais será vencido" atemoriza e irrita os poderosos. Por isso eles se empenham de todos

os modos para aniquilar as forças populares. Eliminam seus líderes, acenam de comunistas e subversivos suas organizações, combatem Igrejas e outras instituições que se colocam a serviço da causa popular e condenam a Teologia da Libertação que, a partir de João Paulo II, produz uma reflexão teológica sobre os passos da caminhada e anima uma espiritualidade ba-

Equilíbrio ecológico



Objeção de

Precisamos divulgar ao máximo a Objeção de Consciência para possibilitar o surgimento de pessoas que assumam a luta efetivamente, na prática, requerendo seu direito adquirido na Constituição.

A pesar de ainda não existir a lei regulamentar que explicitará a execução da lei do Serviço Alternativo, devemos começar um trabalho sério de divulgação e esclarecimentos, principalmente nesta época de alistamento militar. O Serpaj/Brasil está dando os primeiros passos para examinar projeto para a lei complementar — estamos contando com o apoio do INESC (Instituto de Estudos Sócio-Econômicos) que tem bom acesso entre os parlamentares de esquerda do Congresso e possui respeitabilidade pelo



trabalho que realizou durante a Constituinte.

Atenção: como a lei já está prescrita no artigo 148 da Constituição, o cidadão tem direito à objeção e

Serviço Civil Alternativo

o e meio ambiente

seada na partilha e na comunhão fraterna. São milhares os que já foram e estão sendo sacrificados à sanha dos ambientalistas, religiosos, sindicalistas, advogados, camponeses... a todos queremos homenagear recordando aqui os nomes de Mons. Romero, Margarida Maria Alves e Chico Mendes.

A espiral da violência usa outra arma destruidora do equilíbrio ecológico. Os poderosos têm medo do povo e, por isso, não querem que o povo cresça. Sempre foi assim. A Bíblia conservou-nos os exemplos do faraó do Egito que mandou afogar no rio Nilo os recém-nascidos hebreus — e de Herodes, o Grande, que ordenou a morte das crianças de Belém e dos arredores. O livro do Apocalipse nos apresenta a luta dramática e desigual do parturiente com o Dragão que se postara diante da mulher para devorá-la e a criança logo que nascesse. Esse medo da criança mostra-se evidente por parte da classe dominante em relação às camadas populares. Com financiamentos a fundo perdido, concedidos por Agências oficiais dos países ricos, se desenvolvem programas antinatalistas que vão desde a distribuição gratuita de pilulas e preservativos anticoncepcionais até a esterilização em massa. Em meu país, trinta por cento das mulheres pobres em idade fértil, existentes na Amazônia, já foram esterilizadas. Até lhes é oferecido um prêmio em di-



heiro para se submeterem a essa ignomínia.

Sugiro que esta V Assembleia da Conferência Mundial para a Paz formule algumas propostas que se tornem como bandeiras de luta pela causa da pre-

servação da natureza e do meio ambiente:

A) A primeira poderia ser uma recomendação à todas as Igrejas e grupos religiosos no sentido de que incluam em seus programas de formação e em suas celebrações — se ainda não o fazem — o tema da Ecologia a fim de torná-lo sempre mais presente no espírito e no coração de seus adeptos.

B) A segunda é uma campanha junto às Agências de financiamento, governamentais e não-governamentais dos países desenvolvidos para que substituam os financiamentos a projetos devastadores da natureza pelo financiamento aos pequenos e múltiplos projetos de empresas familiares e comunitárias destinados à produção de alimentos, de bens de consumo e outros que utilizam os meios naturais sem degradá-los. Simultaneamente deve-se recomendar às Agências internacionais de financiamento que eliminem de suas pautas projetos de barragens que inundam grandes áreas agrícolas ou reservas florestais bem como projetos que agredem a natureza como é o caso do Projeto Carajás na Amazônia. Apoiem-se as iniciativas que vão na direção de projetos alternativos que procurem preservar as riquezas naturais como as que visam ao desenvolvimento da energia solar, da energia eólica, da utilização de fontes renováveis de energia.

C) O respeito aos direitos fundamentais do homem e das comunidades análogas é o referencial maior que nenhuma Agência financiadora pode perder de vista. Neste sentido, torna-se cada vez mais importante para meu país, o Brasil, a luta pela Reforma Agrária e por uma política agrícola condizente com as necessidades do povo. O Brasil em condições para alimentar e dar um nível de vida conveniente à mais do dobro da população que possui. No entanto, metade da população econômica-

mente ativa não ganha o suficiente para viver condignamente e há milhões e milhões de menores carentes e abandonados. A poluição humana das favelas e cortiços é outra vergonha nacional. Nenhum financiamento deveria ser feito sem levar em conta essas situações. A falta de uma justa distribuição da terra e de uma adequada política agrícola é responsável pelo processo migratório do campo para a cidade atirando multidões numa condição de vida subumana.

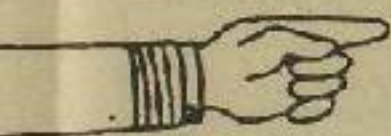
D) A um correto encaminhamento dos problemas da terra e do solo urbano deve-se acrescentar uma ação política da natalidade. O chamado planejamento familiar tem visado mais a frear a natalidade do que a criar condições saudáveis para os casais poderem gerar, alimentar e educar a prole. Planejamento familiar é decorrência de paternidade e maternidade responsável. Os parceiros devem estar corretamente informados não para estancar nem as fontes da vida mas para fazê-las funcionar responsabilmente, dentro e boas condições físicas, psíquicas, econômicas e sociais.

E) A essas sugestões vem juntar-se a que me pareceu mais importante e urgente qual seja a de criar condições para que as próprias populações concernidas se tornem os agentes da transformação social. É necessário uma verdadeira mobilização popular tanto para que as entidades representativas do povo tenham assento garantido como interlocutores nas mesas de decisões sobre o que lhes diz respeito como para que oponham resistência pacífica mas firme à execução de projetos que passem comprometer o presente e o futuro da humanidade. Neste sentido é altamente promissor o fenômeno que se observa na América Latina e que Gustavo Gutierrez denominou "a interrupção dos pobres". Povo vai deixando de ser massa de manobra a serviço dos poderosos. Povo irrompe e se organiza religiosamente nas Comunidades Eclesiais de Base, socialmente nos sindicatos, associações de moradores e movimentos dos sem-terra, politicamente em partidos. E essas diversas formas de organização não permanecem estanques nem se tornam rivais; já se percebe um processo em marcha de articulação das bases populares.

Exemplo dos mais recentes e emocionantes foi a atuação do líder sindical e ecologista Francisco Mendes. Ele foi um animador da operação denominada *empate* que consiste em mobilizar os seringueiros com suas esposas e filhos para *empatar*, quer dizer, impedir os tratores contratados para o desmatamento e, ao mesmo tempo, lutar para o governo criar as chamadas Reservas Extrativas que não podem ser desmatadas mas devem ser conservadas para que os seringueiros, índios e ribeirinhos possam retirar delas os produtos naturais de que necessitam. Chico Mendes tombou. A luta continua.

Líderes religiosos que somos é grande nossa responsabilidade no tocante à ecologia. Este assunto tem a ver com nossa fé no supremo Criador do Universo. A fé produzirá as energias necessárias para nos comprometermos com a luta em favor de um mundo melhor, um mundo que aproxime cada vez mais da imagem bíblica do paraíso terrestre. O Paraíso, no dizer de Carlos Mesters, não é uma cidade; é uma esperança.

consciência



regulamentado; para isso, seria bom se conseguíssemos organizar grupos de jovens interessados pois desta forma, estaríamos abrindo precedentes para que outras pessoas percebessem a possibilidade de não prestar o serviço militar. Isto, inclusive, ajudaria a influenciar quando acontecer a regulamentação da lei, o que provavelmente se dará ainda neste primeiro semestre.

Precisamos nos comprometer seriamente com a divulgação desta causa. Os jovens brasileiros precisam saber da chance, ainda que restrita, de não prestar o serviço militar, alegando objeção e consciência; decorrente de crença religiosa e de convicção filosófica ou política.

A luta, companheiros!



consciência. Para tal, é necessário que seja encaminhado um mandato de injunção, pois o serviço civil é um direito adquirido, mesmo que ainda não esteja

Nossa bandeira de luta

Prêmio nobel da Paz:

A mobilização da candidatura de D. Paulo

Começa a avançar, em todo o Brasil, a mobilização das entidades de direitos humanos e outras ligadas às Igrejas, em favor da candidatura do cardeal, arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, ao Prêmio Nobel da Paz deste ano, a ser anunciado em outubro próximo.

Em D. Paulo são premiadas todas as pessoas que com ele e como ele defendem os direitos humanos, sobretudo dos mais fracos. Sua estatura moral enobrece todos os que acreditam nos ideais da justiça e da fraternidade. Os motivos principais pela nomeação de D. Paulo seguem-se abaixo:

- 1) interesse e ação em favor dos favelados;
- 2) interesse e ação em favor dos brasileiros oprimidos por razões políticas;
- 3) interesse e ação em favor dos refugiados políticos das nações do Cone Sul (Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai);
- 4) interesse e ação em favor dos prisioneiros;
- 5) interesse e ação em favor dos "bóias-frias";
- 6) interesse e ação em favor dos trabalhadores e dos desempregados;
- 7) interesse e ação em favor dos doentes, idosos e vítimas da violência policial;
- 8) interesse e ação em favor das pessoas sem oportunidades para educação;

- 9) interesse e ação em favor das pessoas expulsas de suas propriedades (posseiros);
- 10) interesse e ação em favor da sobrevivência da população indígena do Brasil;
- 11) continuidade e persistência em denunciar as violações dos direitos humanos pelos regimes militares;
- 12) a restauração da esperança no meio a repressão, eliminando, assim, o temor paralisante da luta contra a opressão;
- 13) providenciando linhas de ação e propostas concretas para a defesa e promoção dos direitos humanos;
- 14) através de um processo democrático que envolve toda a arquidiocese de São Paulo, permitindo as pessoas decidir, aprovar e dar prioridade aos quatro pontos mais importantes da Igreja em São Paulo: direitos humanos, mundo do trabalho, necessidades das áreas urbanas e das comunidades populares;
- 15) construção de mais de cem centros comunitários, buscando ajuda para as necessidades dos marginalizados;
- 16) continuando o programa educacional na religião e na política;
- 17) aumentando o envolvimento dos leigos nos programas da Igreja;
- 18) o uso da construção de Igrejas para a organização e proteção dos movimentos populares;

- 19) uma abordagem não-partidária para as necessidades humanas;
- 20) participação em duas conferências de interreligiões e paz, a primeira em Bollaggio (Itália-1975) e a segunda em Lisboa (Portugal-1977), com a participação de muçulmanos, judeus, cristãos, hindus e budistas;
- 21) continuando diálogos com protestantes e cristãos ortodoxos e outros grupos religiosos;
- 22) colaboração com agências internacionais assim como a Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas, Anistia Internacional, Comissão para Refugiados das Nações Unidas, Conselho Mundial de Igrejas;
- 23) contato com líderes de várias nações, incluindo Paraguai, Chile, Venezuela, Nicarágua, Estados Unidos, Portugal, Cuba, Espanha, Holanda, Alemanha, Suécia e outros;
- 24) contatos habituais com industriais e grupos de trabalho durante visitas ao exterior;
- 25) estimulando o retorno completo dos direitos constitucionais e governamentais nas nações latino-americanas;
- 26) requerendo a primazia das religiões, valores humanitários e moralidade sobre as doutrinas maquiavélicas da segurança nacional;
- 27) patrocinando uma campanha mundial para a identificação e recuperação dos legítimos familiares das crianças desapareci-

- das na repressão militar, ocorrida nos golpes de estado na Argentina, Chile e Uruguai;
- 28) denunciando as causas e efeitos da conexão entre a presença das corporações nacionais e a repressão das nações do terceiro mundo;
- 29) arriscando uma antipatia por denunciar a posição do Brasil no mundo como 5º exportador de armamentos;
- 30) fazendo um apelo para a paz e não-violência na solução dos problemas entre nações, assim como o incidente entre a Argentina e Grã-Bretanha, na questão das Ilhas Malvinas;
- 31) afirmando a justa legitimização das pessoas do 3º mundo no controle de seus próprios recursos humanos e naturais para o desenvolvimento de suas próprias nações; assim como contra o enriquecimento posterior dos investidores estrangeiros e o avanço da distância social entre os ricos e os pobres.

O desafio está lançado e a criatividade de nossos militantes é primordial para o êxito dessa mobilização. É necessário que todos os grupos do SORPAJ/Brasil se responsabilizem pela conquista desse objetivo. Mantenham contato constante com o nacional para que possamos divulgar as ações realizadas por todos nós.

Tradução e elaboração de Silvia Gonçalves

No dia 8 de março, comemoramos o Dia Internacional da Mulher. Tivemos a oportunidade de refletir nossos problemas, quais são nossos direitos, como estamos sendo tratados em nossos lares, em nossos ambientes de trabalho, enfim como somos vistos por esta sociedade machista que ainda não consegue reconhecer o nosso verdadeiro valor.

Todas as mulheres sofrem com a opressão geral que é submetida à classe trabalhadora, contudo, a mulher sofre uma opressão específica, independente da classe social a que pertencem, só que as mulheres trabalhadoras sofrem as maiores consequências. A mulher trabalhadora é submetida à dupla jornada de trabalho, isto é, ela tem a responsabilidade pelo trabalho doméstico e pela criação dos filhos, é discriminada no trabalho, onde ganha salários inferiores, quase nunca ocupa cargos de chefia. Encontra-se desprotegida da sociedade e sofre violência, muitas vezes, também, dentro de casa.

Não queremos ser um movimento feminista, queremos apenas ensinar um novo caminho, onde nós possamos ser respeitadas como mulheres, com nossos direitos, objetivos, dúvidas e esperanças, que se igualem a qualquer ser humano que vive neste país.

Chega de nos imporem limites na nossa caminhada, queremos também ser guerreiras na proclamação da boa-nova da paz. A necessidade se faz no dia-a-dia, basta termos coragem de dizer não aos limites e sim à vida. Queremos, juntas, conquistar nossa liberdade e encorajar-nos umas às outras.

Com esse objetivo, as mulheres do regional sul do SORPAJ/Brasil irão encontrar-se para dois dias de reflexão em conjunto, em São Leopoldo-RS. Posteriormente, relataremos as conclusões desse evento: 1º Encontro de Mulheres do Regional Sul.

Para nossa reflexão, deixo a poesia de Maria Miguel, da comunidade de São José, em Itaim-SP. Como ela, existem tantas outras mulheres que têm histórias para contar, mas não têm oportunidade de colocá-las no papel. Ou talvez, isto não é proibido. Utilizemos nosso boletim para isso!

Maria Krause

Mulher: Organização em busca da libertação



Um dia a mulher gritou: **SOU GUERREIRA!**
É o eco de sua voz só fez ouvir além das fronteiras!

SOU MULHER, MÃE E GUERREIRA!
O fogão não é mais o meu limite. Sou chamada a "rainha do lar".

Mas sou maior que o oceano e o mar.
Sei... A amara não ganhará ainda o céu.
Fui ao sepulcro do meu povo — qual Madalena um dia — e vi...
havia vida a proclamar... E o meu limite não ficou sendo o meu lar.
Sou mãe... dou a vida. Sou esposa... sou compreensão. Sou mulher... dor.
Sou povo, sou amor. Anunciação.

Onde houver um caído, eu levanto.
Onde há um morto, um doente chorando... sou guerreira, sou pássaro... eu canto.
Levanto meu povo e o tiro da escravidão.
Meu nome é **LIBERTAÇÃO**.

Sou paz, sou a esperança.
Sou arco-íris neste mundo de injustiça.
Sou a igualdade... meu nome é **FRATERNIDADE**.

Me chamo povo — sou humanidade.
Quem quiser me encontrar... É fácil... não estou no lar.

Estou na luta — sou guerreira, sou negra, sou pobre, sou velha, sou viúva e quase analfabeta.
Mas é fácil me encontrar na luta. No movimento popular! Todos me conhecem.
Sou o resto que sobrou de alegria e amor.
Sou tudo de bom, de sonho de céu.
Sou apenas Maria Miguel!

MULHER: garra, emoção e libertação de toda a classe trabalhadora

4 de abril: Morte de Martin Luther King

Martin Luther King Jr., nasceu no dia 15 de janeiro de 1929, na cidade de Atlanta, no Estado da Geórgia (USA). Filho de uma família que poderíamos classificar de classe média, muito devoto à sua fé, seus pais Martin Luther King e Alberta Williams King eram muito ligados à Igreja, sendo que seu pai era pastor na Igreja Batista. Martin Luther King, seguiu a carreira do pai, e exerceu muito bem seu papel de pastor, foi um brilhante teólogo. O que mais fascinava Martin Luther King, era a oratória, discursar era seu melhor dom, não lhe agradava muito escrever.

Com 22 anos, Martin L. King, fez seu primeiro sermão, na Igreja Batista de Atlanta. Em 18 de junho de 1953, casou-se com Coretta Scott, os dois tiveram 4 filhos. Coretta era uma mulher muito dedicada à luta e sempre acompanhou o trabalho de Martin L. King. Foi graduada doutor em teologia, em 1955, pela Universidade de Boston. Neste mesmo ano recebeu o convite do Pastor Vernon Johns, para substituí-lo na Igreja Batista de Montgomery, capital do Estado de Alabama. Vernon Johns era um senhor já muito idoso, e estava para se aposentar. Era muito querido por sua comunidade, e não bem visto pelas autoridades locais, por sua luta em defesa do povo negro. Na época Martin L. King, tinha 26 anos, um jovem ainda. Aceitou o convite do pastor Vernon Johns e mudou-se para Montgomery.

Lá mesmo em Montgomery, no mesmo ano de 1955, uma empregada, Rosa Parks (negra), se negou a ceder seu lugar no ônibus para um branco. In-



fringiu a lei, pois era obrigação de que os negros cedessem seus lugares, quando já não havia mais, para que os brancos pudessem sentar. Ela foi levada, imediatamente, presa. Isto deixou os negros muito revoltados. Martin L. King, foi convidado para liderar um movimento de repúdio à prisão de Rosa Parks. Decidiu-se que

eles iriam fazer um boicote aos ônibus e passariam a andar a pé. Este boicote durou mais de 50 dias e a perda das empresas de ônibus foi de mais de 40 mil dólares. Alguns tinham que caminhar mais de 20 km para ir e voltar do trabalho, mas isso não desanimou a sua luta.

Martin L. King, teve sempre presente os escritos de Gandhi, os quais ele dava muita importância. Viu que a não-violência ou firmeza permanente era uma arma muito eficaz na resolução de conflitos, como o próprio Gandhi dizia, "a não-violência é o método mais demorado, mais lento e mais difícil de ser aplicado, mas também é o mais eficaz".

Em 20 de janeiro de 1961, assumiu a presidência dos USA, John F. Kennedy, com isso, nascia uma esperança para os negros. Neste mesmo ano, Martin L. King, renunciou a seu trabalho como pastor na Igreja Batista e resolveu dedicar-se de tempo integral à luta do povo negro. Criou a SCLC, "Associação dos Negros Decididos a Lutar sem Violência".

Durante os anos de 1955 a 1963, vários acontecimentos da vida de Martin L. King foram empreendidos. Ele sofreu várias prisões. No ano de 1963, comemorava-se nos USA, o centenário da abolição da escravidão, uma grande mentira, como a comemorada no Brasil no ano passado, pois os negros seguem sendo massacrados, humilhados e pilados, pelos brancos. Neste ano Martin Luther King, pronunciou mais de 300 discursos contra o racismo. O presidente dos USA, John F. Kennedy, decidiu trabalhar intensamente em cima

de leis que garantissem os direitos civis aos negros. Uma grande passeata denominada Marcha para a Liberdade, que reuniu 250 mil pessoas, brancos e negros, chegou a Washington para apoiar o presidente Kennedy, em sua luta em favor dos negros.

No ano de 1964, Martin L. King, recebeu o prêmio nobel da paz. Uma "consagração", homenagem a sua luta. Durante seu discurso em Oslo (Noruega), em 11/12/64, onde fora receber o prêmio, Luther King destacou a importância da não-violência, ele disse "a palavra que resume o espírito e a configuração de nosso movimento, é não-violência ativa, essa não-violência que permite que um homem publicamente consagrado em uma luta, passe a ser consagrado com o prêmio nobel da paz...".

Martin Luther King foi assassinado dia 04 de abril de 1968. Sempre defendeu a vida, a igualdade de raças, pois como diz a Bíblia "todos somos iguais perante o Senhor", mas muitas pessoas não pensam assim. No ano passado, comemorou-se o centenário da abolição da escravidão, ou melhor o centenário da mentira, da grande mentira. Na nova Constituição, no artigo 5º que fala dos "Direitos e Deveres individuais e coletivos", e o parágrafo 2º reza que "a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito a pena de reclusão, nos termos da lei". Mas será que a constituição é respeitada ou melhor, será que respeitamos e garantimos iguais direitos ao nosso irmão negro?

Altemir Labes

Relatório da viagem à Europa

A minha viagem à Europa tinha dois objetivos: 1º) participar do Segundo Congresso Latino-Americano de Organismos de Direitos Humanos, representando o Sempaj AL tem Badajoz, província de Extremadura — Espanha; 2º) visitar entidades europeias e pessoas que estão ligadas ao Sempaj Brasil.

Parti no dia 25/11 no aeroporto internacional de São de Jacaré. O voo da Iberia, Rio — Madrid, durou quase 10 horas. Saí de F. com um calor de quase 40 graus, cheguei em Madrid com seis graus, um vento muito forte e chovendo muito. O tempo já estava melhorando e se iniciava o inverno. No aeroporto, não esperavam duas moças — Mariabel e Maria Luz. No aeroporto montei o meu ponto de partida para participar do Congresso: três pessoas do Paraguai, e uma do Brasil — entre as pessoas do Paraguai, estava Cristina Vila, que durante um mês manifestou-se no dia 11/8/88 em Assunção, sorpreza juntamente com muitos outros pessoas que realizaram a marcha "Pela Vida, Pela Paz". Durante o sábado saluímos e conversamos muito sobre Paraguai e Brasil. Como estava uma companhia, fui, juntos fomos visitar a sede da Associação Pro-Direitos Humanos da Espanha, que estava patrocinando o evento. Ficamos hospedados num hotel de Madrid até o dia 27 de manhã, quando saímos para o local do Congresso. As cidades de Badajoz, Cáceres e Mérida salutarão o Congresso. Nos dois palácios em Badajoz, não foi o local onde se realizou a maioria das palestras e dos trabalhos em grupos.

Bras 23 países participantes do Congresso, o que tornava um total de 120 pessoas. Os brasileiros, em seu pessoal. Deixamos os Santos do dia, pela associação de Advogados Latino-Americanos de Defesa dos Direitos Humanos, Bonedita

Tomás Mariño, pelo Centro Santo Dias de Direitos Humanos; Vanderley Basse, pelo Centro de Defesa dos Direitos Humanos de João Pessoa; Dr. João Sanchez, pela Comissão Pastoral da Terra; João Hienzo, representante do U. Paulo Kwanza Amos e eu, representando o Sempaj AL.

O Congresso teve três grandes temas: 1) Situação dos Direitos Humanos em diferentes países (Brasil, Argentina, etc.); 2) A dívida externa dos países (para americanos e para latino-americanos); 3) Os defensores dos Direitos Humanos, que pela lei são considerados "delinquentes" e "divulgadores" dos Direitos Humanos. Educação para a Paz. Educação para a Democracia. As palestras aconteceram, mas a maioria dos dias. Decidi integrar-me no grupo 3, pois tinha interesse principalmente no tema "Educação para a Paz". Foi um pouco frustrante, pois esperava que pudéssemos sair dali com propostas mais concretas. Infelizmente isto não aconteceu. Houve muitas exposições de diferentes realidades dos países. Gostei muito tempo para o trabalho em cima de propostas concretas.

Quando chegou minha vez de falar, coloquei o trabalho que o Sempaj vem desenvolvendo no âmbito da Educação para a Paz, o trabalho da UCA e dos organismos. Falei também sobre a realidade da situação no Brasil e sobre o prêmio Unesco. Nos primeiros quatro dias, durante as palestras, cada país podia apresentar uma breve exposição da situação dos Direitos Humanos e uma análise nos aspectos econômico, político e social. Escolhi o trabalho Bido para falar sobre o Brasil.

Pude conversar com muitas pessoas que tinham o Sempaj. Logo associei-me com Adolfo Pérez Esquivel ou com Creuza Madrid; quase todos estas

pessoas têm trabalho conjunto com o Sempaj de seu país.

Acredito que se gastou muito tempo com visitas turísticas, conhecendo monumentos e cidades, participando de recepções. Por isso, tive pouco tempo para os trabalhos em grupos, prejudicando e interferindo de expectativas e o enriquecimento e possibilidades.

Mas apesar de não ter sido o Congresso, já pude ter uma visão ampla e realista de situação dos Direitos Humanos nos diversos países da presença. Conheci as pessoas, conversei com elas, troquei informações e o que mais valeu.

Sai de Badajoz no dia 02/12 e, no dia seguinte, estava em Madrid, onde viajei para Paris. No dia 04, cheguei em Paris para Frankfurt, passando antes em Hohenheim, onde visitei amigos que estavam no Brasil, estudando na Faculdade de Teologia (DELB) em São Leopoldo. De Hohenheim, fui para Frankfurt — lá me esperava um primo (Egídio).

No dia 06 de dezembro (05/12), visitei as entidades financeiras, que apoiam os trabalhos de grupos e movimentos no 3º mundo. Em Bonn, conversei com o Sr. Andreas Schille, da Paz Cristã, sobre o nosso trabalho e o trabalho do Sempaj Brasil, entre outros assuntos sobre a inter-relação entre Brasil e Bolívia, que vem realizando em muitos anos de cooperação. Este trabalho realizado por estes dois Sempaj, está dentro das linhas de ação do Sempaj Brasil, integração latino-americana. Andreas Schille, esteve na Missão Sempaj, Francisco, conversando com o Sr. Pedro Amador, sobre o trabalho de ação do Sempaj Brasil "Educação para a Paz". Houve grande interesse sobre este trabalho. A tarde, estive na sede de Misericórdia (Nassau). O Sr. Andreas Schille, de Paz

Cristã, acompanhou-me a 06/12. Estávamos reunidos por quase 11 horas. Conversamos muito sobre o trabalho do Sempaj. O Sr. Alfredo Juniper nos recebeu. Estive também na casa de dois estudantes (João e Maria), amigos do Maria Coppi, que esteve no Brasil em 05/88 e trabalhou com os companheiros do grupo justiça e não-violência do Rio de Janeiro.

No dia 06/12, ainda na Alemanha, encontrei-me com a Adreanist, entidade que trabalha juntamente com a Misericórdia. A Adreanist tem um trabalho no âmbito da evangelização e da Misericórdia, na área social. Conversei com o Sr. Josef Metz e depois embarquei para a Holanda.

Dei-me em Den Haag, no mesmo dia, à tarde, por volta das 17 horas, fui até Amsterdam, lá estive me esperando a my, uma mulher a quem já estive visitando o Sempaj Brasil em agosto/88, fui a conhecer a casa, que levamos até a casa de José Schweser, de em Leiden. No dia seguinte, ele me recebeu até a noite de terça, o dia seguinte para Den Haag com o objetivo de visitar a sede da Solidariedade Norte da (07) estive em Leiden na sede da Cececom, outra entidade que auxilia movimentos do 3º mundo. Depois, fui até Utrecht, onde tomei trem para Vitoria (Gasthuis). Lá, estive me reportando o Sr. Stoff, uma amiga de Vitoria Lard, integrante do grupo de justiça e não-violência de Vitoria de Espirito Santo. Como aquele dia era feriado nacional na Alemanha (08/12) e a levei-me para conhecer o centro de Vitoria, uma cidade muito bonita. Resarei muito tempo e vivência bastante. A tarde embarquei de volta a Badliberg, onde eu estava, para Utrecht. Lá estive esperando o Sr. Warner Huffer, conhecido do Sempaj. Entretanto, fomos conhecer a sede do Sempaj, almoçamos a noite e à tarde criamos um movimento para Badliberg.

JUSTIÇA E NÃO-VIOLÊNCIA: é a comunicação entre nossos grupos.
Assine e divulgue nosso Boletim Nacional.

Padre Domingos Barbé: Um ano de saudades



Lembramos no dia 08 de fevereiro, um ano de falecimento de nosso amigo-irmão Padre Domingos Barbé. Ele, a exemplo de Cristo, passou entre nós unindo-nos na construção de uma nova estrutura social, justa e fraterna, através do método da não-violência ativa.

Suas obras literárias, ações, desafios, esperanças e conquistas, nos animam a perseverarmos nesta caminhada. É com gratidão e ternura que o Serviço Nacional Justiça e Não-Violência — Serpaj/Brasil, fruto inegável do trabalho de Barbé entre nós juntamente com o esforço mútuo de todos nós, presta esta homenagem, de, como era o desejo de Domingos, "ação de graças e amor".

Conselho Nacional do Serpaj/Brasil

*"Não peço nem a vida,
nem a morte;
Peço ação de graças
e amor"*

EXPEDIENTE

JUSTIÇA E NÃO-VIOLÊNCIA
Publicação Bimestral
Serviço Nacional Justiça e
Não-Violência - Serpaj/Brasil
SDS Ed. Venâncio V - s.313
70.300 - Brasília - DF - Brasil
Telefone para contatos:
(061) 225 8738

Coordenação e responsabilidade
de elaboração e diagramação:
Marco Antonio Gonçalves e
Sílvia Terezinha Gonçalves
Endereço para assinaturas:
Rua José Bonifácio, 1308 ap. 201
93000 - São Leopoldo - RS
Distribuição Interna

ASSINATURAS

Quero receber o Boletim do Serviço Nacional Justiça e Não-Violência.

Nome:

Endereço:

Bairro: CEP:

Cidade: Estado:

País: Nº cheque ou vale postal:

Assinatura: Data:

() NCz\$ 1,50 - assinatura particular () Assinatura nova

() NCz\$ 2,00 - assinatura entidades () Renovação

() US\$ 10,00 - assinatura exterior () Permuta

Campanha de assinaturas:

Faça três assinaturas e ganhe uma de presente

Faça dez assinaturas e ganhe uma camiseta do Serpaj-Brasil

SERPAG - BRASIL
BOLETIM NACIONAL
C. POSTAL - 3387
88.000 - FLORIANÓPOLIS - SC
BRASIL

22 MAY 1989

AIR MAIL
VIA AÉREA

IMPRESSO